

INCONSCIENTE

Gesimary de Santi Azevedo *

Resumo

O ensaio é uma tentativa de elucidar o conceito de inconsciente, suas características e evolução ao longo da obra de Freud, e aduz a contribuição de Lacan que faz uma leitura daquela obra a partir da Filosofia da Linguagem.

Abstract

The essay is an attempt to elucidate the idea of unconscious, its characteristics and evolution along to Freud work, and adduces the contribution of Lacan that reads that work from the Philosophy of the Language.

Introdução

O presente trabalho visa uma compilação de idéias através das quais tentarei elucidar o conceito freudiano do inconsciente e apresentar suas diversas características. Ater-me-ei

particularmente à evolução do conceito de inconsciente na obra de Freud, aduzindo, em seguida, contribuições de outros autores.

1. O CONCEITO DE INCONSCIENTE

O termo “inconsciente” pode ser abordado tanto como adjetivo, quanto como substantivo. Enquanto adjetivo expressa conteúdos não presentes no campo atual da consciência. Representa um ponto de vista descritivo e não topográfico. Antes de Freud, o termo era empregado de forma puramente adjetiva para designar aquilo que não era consciente, jamais, porém, para designar um sistema psíquico distinto dos demais e dotado de atividade própria.

O ato da consciência é temporalmente circunstancial e momentâneo. Isso significa dizer que a cada momento há elementos que se encontram

* Especialista em Psicologia Clínica Analítica, Psicanálise e Psicoterapia Infanto-Juvenil. Docente da UNIPAR.

fora da consciência. Aquilo que está fora da consciência, fenomenologicamente é denominado de inconsciente. Sob o ponto de vista tópico, esses conteúdos poderão ser pré-conscientes ou mesmo se localizarem no inconsciente propriamente dito, conforme possam ou não ser recuperados por um ato de vontade.

No sentido tópico, o inconsciente contém as representações denominadas de “representações da coisa”. “Representações da coisa” é sinônimo de “representação ideativa” e “traço minêmico. Essas “representações da coisa” são fragmentos de reproduções de antigas percepções. Elas estão dispostas como uma sucessão de inscrições, que são como uma espécie de arquivo sensorial - um conjunto de elementos despidos de palavras. São as coisas, reduzidas a seus traços constitutivos essenciais, tais como se inscreveram, numa época em que não existiam palavras para designá-las: de zero a dez ou doze meses aproximadamente. Embora essas representações se refiram a todos os sentidos, auditivo, gustativo, olfativo, tátil e visual, é este último que exerce uma clara predominância hegemônica sobre os demais. Daí que o conjunto de representações inconscientes forma verdadeiros fantasmas, carregados de energia proporcionada pelas pulsões.

O inconsciente, como foi assinalado acima, é um subsistema arcaico do aparelho psíquico. Esse arcaísmo preserva um sentido duplo: ontogenético e filogenético.

De fato, Freud nunca deixou de admitir, particularmente depois de 1923, a existência de uma parte do inconsciente, como herança genética, a que chama de “núcleo do inconsciente”. Esta experiência filogenética se articulava a um outro conceito de Freud, que são as “protofantasias”, ou “fantasias primitivas” ou originárias”. Freud denomina “protofantasias” a estrutura fantasmática transmitida filogeneticamente, e que tem consistência e organização não correspondentes à experiência real infantil, vivida pelo sujeito, mas são estruturas fantasmáticas típicas (vida intra-

uterina, cena originária, castração, sedução) que a psicanálise descobre organizando a vida fantasmática, sejam quais forem as experiências pessoais dos indivíduos. A universalidade desses fantasmas explica-se, segundo Freud, pelo fato de constituírem um patrimônio transmitido filogeneticamente.

Laplanche e Pontalis, num clássico estudo (*Les Temps Modernes*, Paris, Asarel, 1964), resgataram a palavra de Freud que diz ter descoberto uma cena que remonta aos tempos originários e que resolve enigmas ainda não solucionados por ele. Essas cenas dos tempos originários (Urzenen) passam a ser as estruturas fantasmáticas típicas, funcionando como organizadoras da vida fantasmática do sujeito. Conhecem-se com o nome de fantasias primitivas ou originárias ou protofantasias. O termo provém do alemão *Urphantasiën* - *Ur* significa “primeiro”, “regente”, “principal”. Por isso, modernamente, tenta-se impor a palavra “primordial” (fantasias primordiais).

2. AS FANTASIAS PRIMORDIAIS SEGUNDO FREUD

São três as fantasias primordiais descritas por Freud, embora ele reconheça que possam existir outras.

A cena primária ou originária: o conteúdo desta fantasia, talvez a mais conhecida, é a do coito que papai e mamãe praticam diante do menino que os contempla. Aqui o sujeito tem a participação apenas visual e, obviamente, está excluído. Esta fantasia responde ao enigma da origem das crianças já que os dois personagens que o sujeito contempla tem alguma relação com o tema que o preocupa, uma vez que o neném sabe que é filho de ambos. A fantasia primária é a maneira peculiar de se explicar como ele vem a ser o filho de seus pais. Observa-se que o eixo principal da origem do sujeito está na exclusão. Ser é ser excluído.

Fantasia primordial de sedução por um adulto: esta fantasia - a primeira cronologicamente descoberta e investigada por Freud em seus primeiros casos clínicos - encontra-se tanto em mulheres como em homens, que relatam ter tido este tipo de experiência em sua infância. Mas, qualquer que seja o conteúdo manifesto dessa fantasia e a pessoa que “transfundi”, isto, desde então, habita em mim. E o que é isto? Isto é a sexualidade. A fantasia de sedução responde ao enigma da origem dessa força misteriosa e desconhecida que é a sexualidade. Nossa mãe, ou quem quer que tenha ocupado seu lugar, foi a “sedutora” primordial. Ela nos acariciou, nos deu de mamar, nos fez tomar banho, nos trocou as fraldas, nos atraiu e nos afastou. Fundamentalmente insistimos - nos “transfundi” o hábito da vida, que é a vida erótica.

Fantasia primordial de castração: esta fantasia é chamada por Freud de “Teoria Sexual Infantil” sob os mais diversos disfarces: toda menina e todo menino a tem em algum momento de sua vida infantil. O conteúdo da mesma não é outro senão a castração em si mesma, havendo um progenitor simbólico (pai) amputado os órgãos genitais das mulheres. Por essa “razão”, as mulheres são mulheres e os homens temem sê-lo. O enigma revelado por essa fantasia é a diferença sexual anatômica, diferença fundamental do ser humano, já que em tudo o mais o sujeito é semelhante a outro.

Para melhorar a visualização das 3 fantasias primordiais descritas por Freud, segue o esquema de Antônio Godino Cabas, a seguir:

IMAGINÁRIO		SIMBÓLICO
<u>Conteúdo</u>	<u>Sujeito</u>	<u>Enigma</u>
Cena Originária	Papai-Mamãe	Origem das crianças
Sedução por um adulto	Mamãe	Origem da sexualidade
Castração	Papai	Origem da diferença

Acabamos de ver que o inconsciente é constituído dessas “fantasias originais”, e também constituído por energias provenientes das pulsões. Funcionalmente, representação de coisa e energia pulsional operam em conjunto. Freud, no artigo sobre “O Inconsciente”, 1915, denomina-as “representantes da pulsão”. Afirma que se encontram na fronteira entre o somático e o psíquico, e que estão aquém da oposição entre o consciente e o inconsciente, isto é, por um lado, nunca se podem tornar objeto da consciência e, por outro, não estão presentes no inconsciente senão pelos seus representantes, essencialmente pelo “representante ideativo”. As representações inconscientes estão dispostas em fantasmas e histórias imaginárias em que a pulsão se fixa e que podemos conceber como verdadeiras encenações do desejo. A maior parte dos textos freudianos anteriores à segunda tópica assimilam o inconsciente ao recalado, mas essa assimilação apresenta restrições. Vários textos reservam lugar para conteúdos não adquiridos pelo indivíduo, os chamados conteúdos filogenéticos, que constituíram o “núcleo do inconsciente”. (Laplanche e Pontalis, 1986). Essa idéia incorpora-se à noção de profantasia mencionada anteriormente.

A concepção que mais se aproximou da visão freudiana, a respeito do inconsciente, foi a elaborada por Herbart. Herbart não concebe o psiquismo como topograficamente dividido em sistemas, mas constituído de idéias que continuam dinamicamente ativas após terem sido inibidas pelas demais. Qualquer que tenha sido, porém, a noção de inconsciente elaborada antes de Freud, o fato é que ela não significava nada de importante ou de decisivo para a compreensão da subjetividade. O inconsciente também é concebido como caos e mistério, “algo ilógico”, antes das formulações mais precisas de Freud. Ainda hoje persiste essa idéia de inconsciente como lugar da vontade em estado bruto e impermeável a qualquer inteligibilidade.

3. A IMPORTÂNCIA DOS SONHOS

Ocorre uma diferença fundamental entre o inconsciente freudiano e a psicologia da consciência. Para Freud, o inconsciente não é aquilo que se encontra “abaixo” da consciência. Não nos fala de uma consciência que não se mostra, mas de outra coisa inteiramente distinta. Fala-nos de um sistema psíquico - o inconsciente - que se contrapõe a outro sistema psíquico - o pré-consciente/consciente - que é em parte inconsciente (adjetivamente) mas não é inconsciente. Essa distinção tópica que é colocada no Cap. VII de a “Interpretação dos Sonhos” é a marca essencial do inconsciente freudiano. Nesse capítulo, Freud declara enfaticamente que não há nada de arbitrário nos acontecimentos psíquicos. Todos eles são determinados. A diferença está em que não há uma determinação única. A sintaxe do inconsciente não é a mesma do sistema pré-consciente-consciente, mas isso não significa que ele não possua sintaxe nenhuma.

Freud tinha suas razões em atribuir tanto valor ao seu trabalho sobre os sonhos. Os sonhos abriram o caminho da descoberta do inconsciente. Em nenhum outro fenômeno da vida psíquica normal, os processos inconscientes da mente são revelados de forma tão clara e acessível ao estudo. Os sonhos são, verdadeiramente, uma estrada real que leva aos recessos inconscientes da mente. No entanto, isto não esgota as razões que os tornam importantes e valiosos para o psicanalista. O fato é que o estudo dos sonhos não proporciona simplesmente inconscientes em geral. Revela, principalmente, os conteúdos mentais que foram reprimidos ou de qualquer forma excluídos da consciência e de sua descarga pelas atividades defensivas do ego. Ao concluir “A Interpretação dos Sonhos”, Freud apresenta três pontos essenciais para a teoria da psicanálise: a ocorrência do processo de pensamento inconsciente em indivíduos normais; o papel preponderante do desejo na vida psíquica, e o imenso alcance do

fenômeno do recalque. Os mecanismos compreendidos sobre a rubrica do “trabalho do sonho” haviam sido atribuídos ao modo de funcionamento do sistema inconsciente. Sua surpreendente semelhança com as vias de formação dos sintomas neuróticos permitia uma melhor compreensão dos processos psicopatológicos, a cujo estudo científico se dedicava há mais de uma década.

O inconsciente possui, portanto, uma ordem e uma sintaxe. Ele está estruturado. Segundo Lacan: “estruturado como uma linguagem”. Ele aparece nas manifestações conscientes, como em fenômenos lacunares, que nada mais são do que brechas que se opõem ao discurso do sujeito, como se ele sentisse que um outro sujeito toma conta das manifestações conscientes. Freud chamou essas lacunas de “formações do inconsciente”. Entre outras, o sonho, o lapso, o ato falho, o chiste e os sintomas. Os fenômenos lacunares são, pois, indicadores de uma outra ordem, irreduzíveis à ordem consciente e que se insinuam nas lacunas e nos silêncios desta última. Esta outra ordem é a do inconsciente, uma segunda estrutura, e que não é apenas topograficamente distinta da consciência mas é formalmente diferente desta. O inconsciente não é o mais profundo, nem o mais instintivo, nem o mais tumultuado, nem o menos lógico, mas uma outra estrutura, diferente da consciência, mas igualmente inteligível.

O inconsciente não se identifica com as profundezas da consciência nem com aquilo que a subjetividade possui de caótico e impensável, mas os indicadores da sua realidade são os fenômenos lacunares. Nossa compulsão mais natural é a de substanciar o inconsciente, como fizemos com o consciente. É preciso precaver-se contra tal compulsão. A concepção tópica, como a idéia de “lugares” psíquicos, contribui para a substancialização. Os termos, contudo, são usados em caráter “metafórico” e não correspondem a lugares anatômicos.

Com suas tentativas de definição do

inconsciente, Freud foi elaborando suposições. Entre outras, pode ser entendido como:

Produto de um trauma real e da dissociação da consciência, motivada pela inconciliabilidade do EU com certas representações.

Noções de realidade psíquica, compostas de pulsões, afetos e fantasias.

Várias possibilidades de traduções alternativas de mitos sobre o passado do sujeito, excluídos passivamente da consciência, pela ambivalência constitutiva desta instância.

4. ANÁLISE INTERPRETATIVA DO PENSAMENTO DE FREUD

Tais hipóteses tornavam o inconsciente apenas uma produção discursiva. Politzer, crítica o “realismo coisificante do freudismo” e salienta que o processo psicanalítico deveria culminar no reencontro do sujeito com “uma história concreta e dramática em primeira pessoa”, onde a verdade do inconsciente seria a história de seu desvelamento (Poltzer, 1967, 1969). Mas o grande salto se dá quando Lacan cria o célebre aforismo do “inconsciente estruturado como uma linguagem”. Ocorre, aqui, a virada lingüística da psicanálise e o inconsciente pode ser visto sob outra ótica: não como algo substancializado com conteúdos profundos, semelhante à alma religiosa ou à mente filosófica, mas como um regime de funcionamento, um conjunto de regras que delimitam e prescrevem o arranjo particular das representações sexualmente investidas e conscientemente desconhecidas. Inconsciente é o termo genérico que descreve como as representações pulsionais se organizam sistematicamente sob a forma de condensação, deslocamento e dramatização. É a própria lei ou conjunto de leis, que Freud definiu como leis dos processos primários. Sua alteridade reside em sua não conversibilidade ao modo de funcionamento das leis que regem a consciência. Dele pode tomar-

se consciência mas nunca reduzi-lo em sua alteridade ao fato conscientemente percebido, pensado ou imaginado (Freire Costa, 1989).

A saída encontrada por Lacan foi a de combinar a lingüística de Saussure com o estruturalismo de Lévi-Strauss, e daí construir a noção de linguagem adequada ao inconsciente. De Saussure, Lacan tomou a idéia de signo, e, após desarticular a relação significante/significado, interpretada pelo mesmo lingüista como interface de uma mesma unidade homogênea. De Lévi-Strauss, Lacan reteve a idéia de simbólico, que fornece a matriz lógica dos fatos culturais, independentemente do sentido ou significado que estes fatos venham a ter. O simbólico, na psicanálise, teria uma estrutura lingüística, segundo a concepção lacaniana da linguagem, e precederia a existência dos sujeitos e dos sentidos que acompanham esta existência. No inconsciente estruturado como uma linguagem, o significante é o que representa um sujeito para outro significante.

O inconsciente freudiano não é uma substância espiritual, contrafação da “res cogitans” cartesiana, nem é um lugar ou uma coisa. Para uma apresentação tornar-se inconsciente, precisa estar submetida a uma sintaxe diferente daquela que caracteriza a consciência. O inconsciente é uma forma e não um lugar ou uma coisa. Melhor dizendo: ele é uma lei de articulação e não a coisa ou lugar onde essa articulação se dá. Assim sendo, a cisão produzida na subjetividade pela psicanálise não deve ser entendida como a divisão de uma coisa em dois pedaços, mas como uma cisão de regimes, de formas e de leis (Roza, 1988).

O que define, portanto, o inconsciente não são os seus conteúdos, mas o modo segundo o que ele opera, impondo a esses conteúdos uma determinada forma. Biologizar o inconsciente é impedi-lo de ser visto simbolicamente e é essa natureza simbólica única capaz de responder às exigências de uma psicanálise.

Só há o inconsciente se houver o simbólico. O inconsciente é produto do recalçamento. Mas

isso só ocorre mediante as exigências do simbólico. O inconsciente não designa nenhuma substância, nenhuma coisa, nenhum lugar, mas uma função - a função simbólica - que se reduz a um conjunto de leis.

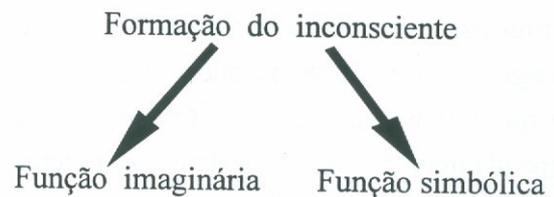
O acesso ao simbólico é, portanto, a condição necessária para a constituição do inconsciente e, evidentemente, também do consciente. Inconsciente e consciente se formam por efeito de um mesmo ato e não o segundo como um epifenômeno do primeiro. É a aquisição da linguagem que permite o acesso ao simbólico e a conseqüente clivagem da subjetividade. No entanto, a linguagem é um instrumento do consciente e não do inconsciente. (Roza, 1988).

Para trabalhar precisamente com o conceito de simbólico, vou tomar um discurso de Lacan que foi muito bem explicado por Godino Cabas quando afirma que, “o fantasma tem uma função imaginária e uma função simbólica” (sic). Por função designamos tudo aquilo que permite um determinado destino ou uso. Assim, por exemplo, as funções das quatro pernas da mesa na qual trabalho é sustentar a tábua em posição elevada e horizontal, para permitir que sobre ela eu apoie os livros. Esta função de “sustentação” é indistinta à forma de perna, que pode ser de estilo barroco, Luiz XV, etc. Todavia, independente dos modelos e preciosidade com que esteja adornada. O esquelético é uma função de sustentação. A noção de função nos introduz à noção de destino ou uso. Do raciocínio se segue que função imaginária é aquela que cumpre um destino, ilusório ou acobertador do fantasma, enquanto função simbólica é a que cumpre um destino ilustrador da fantasia. Não é alheio ao registro do imaginário o fato de que todo o sujeito acredite que o que aconteceu, aconteceu somente com ele, que se sinta, em suma, a mosca branca. A tarefa analítica consiste exatamente em demonstrar que, se há alguma mosca branca, é porque todos o somos; quer dizer, em demonstrar que o sujeito do inconsciente está, em sua dimensão simbólica,

inscrito no universo da lei, do desenvolvimento sexual e que este se intersecciona com o desenvolvimento social.

Cabas insiste que a noção de função nos permite entender que, quando falamos do registro do imaginário e do registro do simbólico, não estamos falando de coisas ou conteúdos concretos, mas de um duplo valor, do fantasma que tem um signo imaginário e um simbólico. Refrisando: transcreve-se imaginária ou simbolicamente. Definitivamente, ambos os registros já não são produtos diferenciais, mas atributos ou qualidades das produções do inconsciente.

Em suma, nossa tese fundamental é que toda produção do inconsciente tem uma função imaginária e uma função simbólica; funções que mantêm, entre si, uma relação constitutivamente opositiva. (Godino Cabas, 1982).



CONCLUSÃO

Em nossa avaliação, entendemos que o tema do inconsciente veio evoluindo em toda a obra de Freud, conforme ele ia estruturando a psicanálise. Também seus conceitos passavam por reformulações. Essa evolução continua. Sua mais nova roupagem deve-se às contribuições de J. Lacan, que reinterpreta a obra de Freud na “era da linguagem”. “Varrendo a poeira metafísica de Freud, Lacan pôs a psicanálise no compasso da modernidade, prestando-lhe um enorme serviço. Depois dele, caiu definitivamente em desuso um certo modo ingênuo de falar: “representações de coisa e de palavra”; “instintos agressivos ou

destrutivos”; “pensamentos inconscientes”; “atavismos filogenéticos” etc. Todas estas expressões, além da própria idéia de fantasia como réplica fotográfica de resíduos sensoriais, ou de inconsciente como espelho oculto, embaçado e distorcido por pulsões, a ponto de representar como anjos ou monstros as aparências das coisas e pessoas. Pois bem, depois de Lacan, todas essas metáforas ganharam o devido lugar. Deixaram de ser aceitas como descrições realistas do que supostamente se passa no “interior do sujeito”, para tornarem-se um vocabulário útil. Destruindo o “mito da interioridade”, Lacan liberou-nos do compromisso com a mente e com as entidades mentais. Faz sentido dizer que, no inconsciente existe “sentido”, quando dizer que não há sentido e sem significantes a - semânticos. A idéia de que o “inconsciente é estruturado como uma linguagem” é importante porque mostra que, o que quer que nos impulse a sentir, pensar e agir, independentemente dos móveis conscientemente conhecidos, não pode deixar de ter um substrato lingüístico. A concepção do inconsciente como linguagem aposentou de uma vez por todas, as premissas e conseqüências mentalistas, existentes no equipamento teórico psicanalítico.

A palavra tem uma enorme força criadora ou potência fundadora na vida dos sujeitos. Não é apenas sobre os homens que a palavra age. Com as devidas mediações técnicas as palavras também agem sobre átomos e genes, e disto nenhum físico ou biologista jamais concluiu que existe um simbólico conhecível de modo indubitável e incorrigível”. (Freire Costa, 1989.).

“Palavras suscitam afetos e são o meio de mútua influência entre os homens” (Sigmund Freud).

Bibliografia

1. BRENNER, C. **Noções Básicas de Psicanálise**. São Paulo : Imago, 1980.
2. CABAS, G. A. **Curso de Discurso da Obra de Jacques Lacan**. São Paulo : Moraes, 1982. L.v.
3. COSTA, J. F. **As Sombras e o Sopro**. Novos Estudos CEBRAP. 24:71-93, 1989.
4. FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro : Imago, 1.9 IVv. Vv. XIVv.
5. KUSNERZOFF, J. C. **Introdução e Psicopatologia Psicanalítica**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1982.
6. LACAN, J. **O Seminário**. Rio de Janeiro. Zahar, 1984. L.v.
7. LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo : Martins Fontes, 1986.
8. MEZAN, R. **Freud: A Trama dos Conceitos**. São Paulo : Perspectivas, 1989.
9. ROZA, G. L. A. **Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro : Azhar, 1987.